



NOSSOS ANCESTRAIS PRATICAVAM SEXO? DIVERSIDADE SEXUAL NOS REGISTOS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA-PIAUI, BRASIL

Antoniél dos Santos Gomes Filho
Leandro Colling
Michel Justamand
Gabriel Frechiani de Oliveira
Vanessa da Silva Belarmino
Mário Ribeiro dos Santos Filho

RESUMO

E como nossos ancestrais praticavam sexo? Como indicam os estudos já publicados na área, às práticas sexuais estavam inseridas no cotidiano dos povos que habitaram as terras *brasilis* muito antes dos anos de 1500. Os registros rupestres nos indicam que aquelas pessoas possuíam variadas práticas sexuais que pareciam ainda não reguladas e normatizadas como nos dias atuais, como atestam vários estudos ligados às perspectivas queer. Essas práticas incluíam sexo entre pessoas do mesmo sexo, sexo entre pessoas de sexos distintos, sexo de pessoas com animais, sexo grupal entre pessoas e sexo de adultos com crianças ou pelo menos na presença das crianças. Através de estudos no campo da antropologia e arqueologia, desenvolvidos, há mais de 10 anos no Parque Nacional Serra da Capivara, por Michel Justamand, e em contato com as pesquisas sobre gênero e sexualidade de Leandro Colling, entre os dias 29 de janeiro e 05 de fevereiro de 2018, foi organizada uma expedição ao parque, para visita de sítios arqueológicos com registros de cenas de práticas sexuais e de reprodução. Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar notas preliminares sobre o que se revelou durante essa expedição, especialmente, no que tange as cenas de práticas sexuais. Na apresentação utilizaremos os registros fotográficos das cenas rupestres dos sítios arqueológicos visitados na expedição, que dialogam com os referenciais teóricos sobre as práticas sexuais na História Antiga do Brasil.

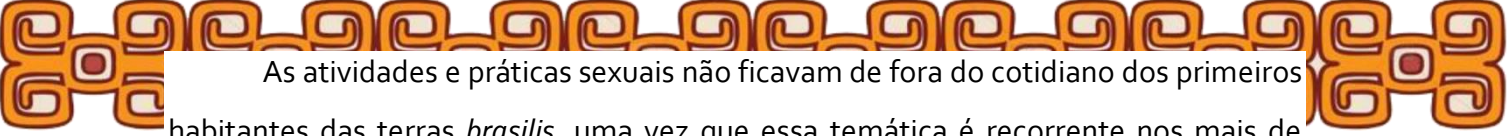
PALAVRAS-CHAVE

Registros rupestres, Parque Nacional Serra da Capivara, Práticas sexuais, História Antiga do Brasil, Teoria Queer.

INTRODUÇÃO

Sobre os paredões rochosos localizados no Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), no Estado do Piauí, os registros rupestres pintados por nossos ancestrais contam como essas pessoas, que habitavam o local há no mínimo 10 mil anos BP, realizavam suas atividades cotidianas, desde a caça e a coleta, até suas danças e rituais.






As atividades e práticas sexuais não ficavam de fora do cotidiano dos primeiros habitantes das terras *brasilis*, uma vez que essa temática é recorrente nos mais de “900 sítios arqueológicos e cerca de 260 painéis com pinturas rupestres que conservam os vestígios mais antigos da passagem do Homo sapiens pelo continente americano.” (CASTRO, 2011, p. 14).

O presente artigo é oriundo de uma parceria interinstitucional entre a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Vale do São Francisco (UNIVASF) e Faculdade Vale do Salgado (FVS) que visa o desenvolvimento de pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Sociedades Antigas do Brasil.

Destaca-se que pesquisas sobre os registros rupestres no campo da antropologia e arqueologia já vêm sendo desenvolvidas a mais de 10 anos pelo Professor Michel Justamand (2007; 2011; JUSTAMAND; FUNARI, 2014, 2016), enquanto que o Professor Leandro Colling (2011, 2015) têm desenvolvido pesquisas sobre cultura, gênero e sexualidade, com destaque para o Grupo de Pesquisa em Cultura e Sociedade (CUS) criado em 2007 vinculado ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT) e ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura). A partir dos intercâmbios e da dinâmica do conhecimento em tempos digitais que foi organizada entre os dias 29 de Janeiro e 05 de Fevereiro de 2018 uma expedição ao Parque Nacional Serra da Capivara, para visita de sítios arqueológicos com registros de cenas de práticas sexuais e de reprodução. Participaram da expedição o Professor Antoniel dos Santos que desenvolve pesquisas no campo da educação, a discente do curso de arqueologia e preservação do patrimônio na UNIVASF, Vanessa Belarmino e Mario Ribeiro da Associação de Guias da Capivara, e os professores Leandro Colling e Michel Justamand.

Durante os dias de expedição foram observadas inúmeras cenas de práticas sexuais, que incluíam sexo entre pessoas do mesmo sexo, sexo entre pessoas de sexos distintos, sexo de pessoas com animais, sexo grupal entre pessoas e sexo de adultos com crianças ou pelo menos na presença das crianças.



Diante de infinitas possibilidades de interpretação para as cenas observadas a pergunta: como nossos ancestrais praticavam sexo? tomou grande parte do tempo da expedição. Durante o deslocamento entre os sítios arqueológicos, momentos de diálogo e reflexão sobre as cenas surgiram, sobre o calor do sol piauiense.

Portanto, se objetiva nesse artigo apresentar notas preliminares sobre o que se revelou durante essa expedição, especialmente, no que tange as cenas de práticas sexuais. Para tal, utiliza-se dos registros fotográficos das cenas rupestres dos sítios arqueológicos visitados bem como de referenciais teóricos sobre as práticas sexuais na História Antiga do Brasil, em especial os que dialogam com a Teoria Queer.

METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo do estudo, a investigação apresentada é de abordagem qualitativa de nível descritiva. A abordagem qualitativa se faz presente nas pesquisas sobre sexualidades e Teoria Queer. Como aponta Joshua Gamson (2006, p. 345) essa abordagem “preocupa-se mais com a criação de significado cultural e político e com dar mais espaço às vozes e às experiências que foram suprimidas.”.

Uwe Flick (2009, p. 79) nos lembra que os pesquisadores no campo dos estudos feministas e dos estudos de gênero têm contribuído de modo significativo para o desenvolvimento dos métodos qualitativos através “de um programa de pesquisa para a análise das questões de gênero, das relações de gênero, da desigualdade e da negligencia da diversidade”.

Frente aos aspectos qualitativos da investigação, busca-se nesse momento apresentar as notas preliminares dos achados da expedição ao Parque Nacional Serra da Capivara em nível descritivo que tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou **fenômeno** ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2009, p. 28, grifo nosso). Salienta-se que a elaboração de modelos de níveis explicativos para compreensão dos registros rupestres sobre as



cenar de práticas sexuais estão sendo elaborados pelos pesquisadores/as.

Além dos referenciais teóricos sobre gênero, sexualidade e teoria queer, foi utilizado como fonte de dados (primários) os registros fotográficos produzidos pelos pesquisadores durante as visitas aos sítios arqueológicos do PNSC, entre os dias 29 de janeiro e 05 de fevereiro de 2018.

A fotografia já possui uma tradição nos estudos antropológicos, etnográficos e arqueológicos, já que “elas permitem gravações detalhadas dos fatos, além de proporcionar uma apresentação mais abrangente e holística de estilos de vida. Permitem o transporte de artefatos e a apresentação destes como retratos, e também a transgressão dos limites de tempo e espaço.” (FLICK, 2009, p. 219-220).

A apresentação dos registros rupestres, em especial, as cenas de práticas sexuais, através dos registros fotográficos, permitem a produção de análises descritivas tanto dos pesquisadores como dos leitores, que tem através do registro visual têm a possibilidade de produzir suas análises e interpretações do cotidiano dos ancestrais.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC) está localizado no semiárido nordestino, na fronteira entre duas formações geológicas, com serras, vales e planície, o parque abriga fauna e flora específicas da Caatinga. A área total do Corredor Ecológico é de 414 mil hectares, e abrange os municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, Canto do Buriti, São João do Piauí, Tamboril do Piauí, Brejo do Piauí, São Braz, Anísio de Abreu, Jurema, Caracol e Guaribas no Estado do Piauí.

No ano de 1991 o PNSC foi inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade, sendo de responsabilidade da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) a preservação do parque, que tomou ganhou esse status em 5 de junho de 1979, a partir do Decreto nº 83.548. A proteção ao Parque foi ampliada pelo Decreto de nº 99.143 de 12 de março de 1990, com a criação de Áreas de Preservação Permanentes adjacentes com total de 35 000 hectares. A Portaria Ministério do Meio





Ambiente nº 76, de 11 de março de 2005, criou um Mosaico de Unidades de Conservação abrangendo os Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões e o Corredor Ecológico conectando os dois parques.

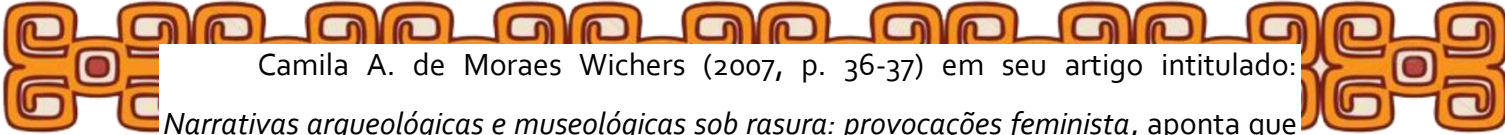
No PNSC encontra-se a maior concentração de sítios arqueológicos atualmente conhecidos nas Américas, com mais de mil sítios cadastrados. Nos abrigos, além das manifestações gráficas, encontram-se vários vestígios da presença do homem pré-histórico, com datações mais antigas conhecidas no continente americano. A região abriga 173 sítios arqueológicos abertos à visitação. (ICMBIO, 2016; FUMDHAM, 2018; UNESCO, 2018; JUSTAMAND et al., 2017; PESSIS; GUIDON, 2000; GUIDON, 2003).

Anne-Marie Pessis e Niède Guidon (2000, p. 21) explicam que as “diferenças sobre o plano da apresentação gráfica refletem diferenças culturais, pois os padrões sociais de apresentação são determinantes dos primeiros. Os registros rupestres funcionam como verdadeiros sistemas de comunicação social [...]”. Assim, os registros rupestres se constituem-se como verdadeiras fontes de informação antropológica e arqueológica, uma vez que esses registros se configuram como sistemas de comunicação formando uma linguagem entre os povos que habitaram aquela região, possibilitando aos pesquisadores/as no presente, compreender como era o cotidiano dos povos das terras *brasilis* antes de 1500 (MARTIN, 1997; JUSTAMAND, 2007, 2011).

Arqueologia, Sexualidade e Teoria Queer

A arqueologia busca entender as sociedades humanas a partir de seus vestígios materiais. Essa simples assertiva pode ser compreendida como uma busca de evidências de um passado distante, classificadas de forma asséptica e inseridas no campo patrimonial e museal, ou, como prefiro pensar, como uma leitura das relações entre humanos e não humanos a partir de corpos, coisas e paisagens. Uma leitura do movimento (WICHERS, 2017, p. 40).





Camila A. de Moraes Wichers (2007, p. 36-37) em seu artigo intitulado: *Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feminista*, aponta que no curso histórico, a arqueologia e a museologia podem ser consideradas como um meio de normatização e regulação da sexualidade, já que as “narrativas priorizaram vestígios associados à ‘antiguidade do homem nas Américas – e aqui o emprego do masculino ‘neutro’ já é digno de nota[...]”, ou seja, a produção arqueologia e museológica se aproxima das ideias modernas de civilização que se pautam na figura do homens-masculino, branco e europeu.

A busca pela compreensão das sociedades humanas a partir de seus vestígios materiais, através da arqueologia (como é apontado na epigrafe desta seção) segundo Wichers é responsável por reforçar socialmente estereótipos de gênero, já que a (re)construção do passado está correlacionado aos ideais modernos e pós-modernos para a sexualidade, o que revela um caráter colonizador da arqueologia.

Compreendendo a sexualidade como:

[...] a organização social, a formulação cultural e a instituição política da vida sexual e das relações sexuais entre pessoas, referindo-se, segundo Barbara L. Voss e Robert A. Schmidt (2000) às atividades sexuais (ligadas ao coito, ao orgasmo e às estimulações individuais e interpessoais de todo tipo), ao erotismo (ligado aos sentidos e representações que estimulam o interesse sexual ou têm uma carga sexual), às identidades sexuais (ligadas as escolhas dos/as parceiros/as e das modalidades/moralidades sexuais e à construção das subjetividades), aos sentidos sexuais (ligados ao modo como certos objetos e situações referem a vida sexual) e, enfim, às políticas sexuais (ligadas aos sistemas morais que arrolam as relações sexuais às estruturas sociais de poder) (GONTIJO; SCHAAN, 2017, p. 58).

Em consonância com os escritos de Camila A. de Moraes Wichers (2017) e Fabiano de S. Gontijo e Denise P. Schaan (2017), acredita-se que a Teoria Queer apresenta-se como um caminho para (re)pensar as construções históricas e sócias sobre a sexualidade das sociedades antigas, desconstruindo um pensamento dualista (macho-fêmea/homem-mulher/masculino-feminino), para uma perspectiva fluída da sexualidade e das infinitas possibilidades de práticas sexuais, que como apontam os registros rupestres não estavam reguladas e normatizadas como nos dias atuais.



A produção da Teoria Queer “propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução.” (GAMSON, 2006, p. 347). Assim, os estudos sobre a sexualidade na arqueologia brasileira, tendo como aporte teórico a Teoria Queer “pode ser uma maneira de pensar melhor as relações sociais em outras épocas, relações que podiam ser marcadas, também pelo gênero, pela idade/geração, pela etnia/etnicidade, pela religião, pela corporalidade e por outros diversos sistemas culturais de marcação social.” (CONTIJO; SCHAAN, 2017, p. 65). Dito isto, apresentamos a seguir os registros fotográficos das cenas de práticas sexuais dos sítios arqueológicos do PNSC.

Como nossos ancestrais praticavam sexo? – Registros fotográficos das cenas de práticas sexuais nos sítios arqueológicos do PNSC

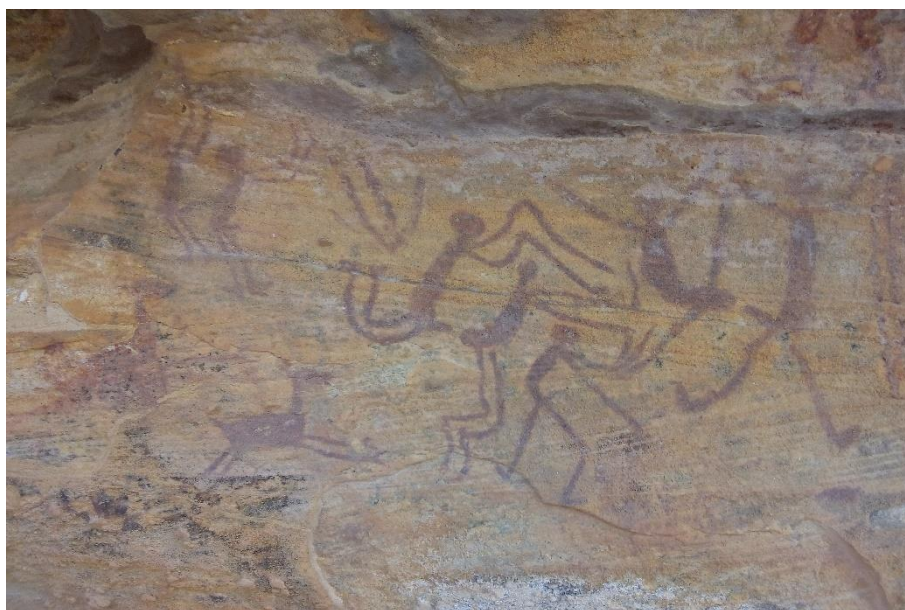


Foto 01: Prática sexual em grupo entre pessoas de sexo diferente e do mesmo sexo.

Fonte: Toca do Baixão do Perna IV. Acervo dos autores (2018).





Foto 02: No centro da imagem, antropomorfos com falos eretos e de frente um para o outro.

Fonte: Toca do Baixão do Perna I. Acervo dos autores (2018).



Foto 03: Prática sexual entre um antropomorfo do sexo masculino e dois antropomorfos do sexo feminino (salienta-se que a representação antropomorfa do

lado esquerdo, tem dimensões menores. Seria uma adolescente e/ou criança?)

Fonte: Toca do Baixão do Perna II. Acervo dos autores (2018).



Foto 04: Prática sexual na presença de crianças.


Fonte: Toca de Cima do Fundo do BPF. Acervo dos autores (2018).

A sexualidade é uma temática recorrente nos registros rupestres dos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara – em especial os localizados no município de São Raimundo Nonato-PI apresentam diversas cenas de práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, sexo entre pessoas de sexos distintos, sexo de pessoas com animais, sexo grupal entre pessoas e sexo de adultos com crianças ou pelo menos na presença das crianças, como pode ser visualizado.

CONCLUSÕES

Tendo em vista a perspectiva da Teoria Queer, é necessário destacar que a descrição dos registros rupestres fogem de uma construção médico-jurídica dualista para a sexualidade, que se apresenta “através dos processos de colonização e de

circulação do conhecimento sobre o corpo, o sexo e o gênero” (GOMES FILHO, 2017, p. 396). Por isso, quando observamos nas fotografias as representações de falos e



vulvas (semicírculos) em posições de práticas sexuais (penetração) destaca-se que esses atos não estão correlacionados, necessariamente, ao ideal de reprodução da espécie, ou de uma regulação das práticas sexuais.

Como pode ser verificado, as práticas em grupo e na presença de crianças, demonstram que a organização social e cultural da sexualidade nas sociedades antigas das américas, afastam-se de uma perspectiva androcentrica “no qual o homem seria responsável pelas atividades mais importantes (caça e segurança do grupo) e a mulher estaria fadada as atividades secundárias (gravidez e ao cuidado com as crianças)” (WICHERS, 2017, p. 40).

O cotidiano de nossos ancestrais não está regulado por rígidas fronteiras para a sexualidade. Tais fronteiras na contemporaneidade são responsáveis pela produção de violências físicas e simbólicas, com as pessoas que não estão sob a égide da heteronormatividade, o que aparentemente não ocorria nas sociedades antigas. Portanto, pode-se considerar que a Teoria Queer e suas proposições teóricas e metodológicas se constitui, de um caminho para (re)pensar a sexualidade dos habitantes das terras *brasilis* antes de 1500, e que o campo da Arqueologia Queer no Brasil ainda está em crescimento (CONTIJO; SCHAAN, 2017), sendo necessário o maior fomento as pesquisas no referido campo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) pela receptividade durante os dias de expedição.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Sádía Gonçalves de. O elogio do cotidiano: educação ambiental e a pedagogia silenciosa da caatinga no sertão piauiense. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

COLLING, Leandro. Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.

COLLING, Leandro. Stonewall 40+ o que no Brasil?. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUMDHAM. Fundação Museu do Homem Americano. 2018. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/o-parque>>. Acesso em: 13 Fev. 2018.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DEZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

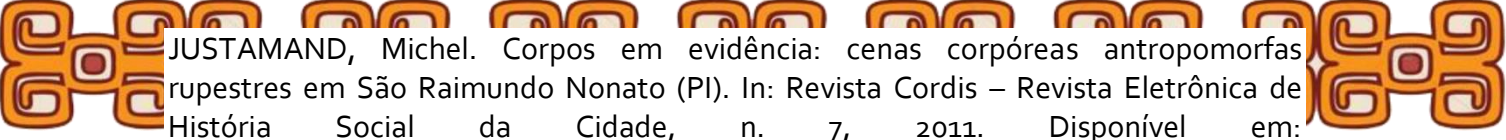
GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. Corpo, sexo, gênero e biopolítica. In: MELO, M. A. S.; GOMES FILHO, A. S. QUEIROZ, Z. F. (Orgs.). Epistemologias em confronto no Direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Curitiba: EDITORA CRV, 2017.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise P. Sexualidade e teoria queer: apontamentos para a arqueologia e antropologia brasileira. In: Revista de Arqueologia – Especial: Crítica Feminista e Arqueologia. n. 20. v. 2. 2017.

GUIDON, Niède. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara - Sudeste do Piauí. In: Com ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml>>. Acesso em: 20 Dez. 2017.

ICMBIO. Parque Nacional da Serra da Capivara. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/idades-abertas-a-visitacao/199parque-nacional-da-serra-da-capivara.html>>. Acesso em: 22 Jan. 2016.



JUSTAMAND, Michel. *Corpos em evidência: cenas corpóreas antropomorfas rupestres em São Raimundo Nonato (PI)*. In: *Revista Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, n. 7, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/10384/7731>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

JUSTAMAND, Michel. et al. *A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas*. In: *Revista de Arqueologia Pública*, v.11, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8648451/16261>>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

JUSTAMAND, Michel.; FUNARI, Pedro Paulo A. *Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato-Piauí muito antes de 1500*. In: *Revista Sodebras*, v. 9, n. 99, 2014. Disponível em: <<http://www.sodebras.com.br/edicoes/N99.pdf>>. Acesso em: 13 Dez. 2017.

JUSTAMAND, Michel.; FUNARI, Pedro Paulo A. *Representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara, PI, Brasil*. In: *Anuário de Arqueologia*, n 8, 2016. Disponível em: <<http://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/6561>>. Acesso em: 11 Dez. 2017.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. *Registros rupestre e caracterização das etnias pré-históricas*. In: VIDAL, Lux. (Org.). *Grafismos indígenas: estudos de antropologia estética*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

UNESCO. *Parque Nacional Serra da Capivara*. 2018. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/serra-da-capivara/#c1348680>>. Acesso em: 13 Fev. 2018.

WICHERS, Camila A. de Moraes. *Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas*. In: *Revista de Arqueologia – Especial: Crítica Feminista e Arqueologia*. n. 20. v. 2. 2017.